

BARAHONA FERNANDES (1907-1992)

Ciro Oliveira

Médico interno de Psiquiatria do CHPL

“O nosso fito último é sempre o melhor conhecimento do Homem” (B. Fernandes)

Barahona Fernandes nasceu em Vinhais (Bragança) a 29 de Julho de 1907, filho do médico António Fernandes que, apesar de residir em Lisboa, quis que o vigorante ar transmontano imbuísse o filho dos valores locais que o dotassem “com energia e perseverança, para tão extensa tarefa”: a de ser um “trabalhador apaixonado pelo saber”.

Enquanto jovem adolescente era visita habitual do consultório de Egas Moniz, onde o pai trabalhava. Foi nesse local que teve o primeiro impacto com o Homem perturbável. Ainda assim, fascinado com “a contemplação do firmamento nocturno” desejou “ser astrónomo”. Mas Vítor Hugo de Lemos e Egas Moniz encarregaram-se de dissuadi-lo do lunático desejo. Demovido, iniciou estudos de Medicina que concluiu com classificações de mérito em 1930.

Terminado o curso, entrou no Manicómio Miguel Bombarda como assistente de Sobral Cid, o mestre que o fez “descobrir a faceta psicológica da Medicina” e de quem aprendeu “o método da percepção compreensiva e da fenomenologia clínica”. Na Alemanha do pré 2.^a Guerra (1934-36), estagiou com as personalidades mais destacadas da Psiquiatria e não se deixou “abalar pelo nazismo, ou quaisquer outras tendências dos eruditos...”. Assim, trabalhou 2 anos com K. Kleist de quem recebeu os “melhores exemplos de método clínico, pedagógico e de investigação”. O “segundo grande mestre na Alemanha” foi K. Schneider, a quem ficou a dever a introdução à filosofia de N. Hartmann que “viria mais tarde a impregnar fortemente a minha posição espiritual” e os seus constructos teóricos.

De volta a Portugal, casou, em 1936, com a filha do pianista e compositor Vianna da Motta, homem de quem recebeu uma certa “grandeza de alma” que lhe permitiu encarar a amargura da vida e lhe abriu as portas para o mundo das artes.

Integrado na comissão instaladora do Hospital Júlio de Matos, assumiu, em 1942, o cargo de Chefe da Clínica. Em 1953 sucedeu a António Flores como Director do Hospital, mas acabou por se demitir em 1958 na sequência da nomeação de um não-médico como dirigente administrativo: “não deve a batuta estar na mão de um regente médico?”

Iniciou uma profícua actividade docente universitária, tendo-se doutorado em 1938 e seguido o curso académico natural. Interessou-se, particularmente, pela formação dos futuros médicos e foi responsável por diversos cursos e cadeiras, bem como pela organização dos serviços de Psiquiatria universitários do Hospital de Santa Maria onde sempre defendeu a “integração multi e interdisciplinar”, apesar de nem sempre ter sido possível “um total entendimento com os dogmáticos”. Em 1975, por ser decano da Universidade de Lisboa, foi nomeado reitor pelo Governo, cargo que desempenhou até ao seu jubileu em 1977. Do seu mandato destaca-se a criação do Curso de Psicologia e a tentativa de uma autêntica reforma do ensino superior: o Professor desejou lançar “uma flecha para o futuro” (António Nóvoa).

No campo da Psiquiatria, introduziu diversos conceitos baseados no diálogo dialético com os demais saberes, a cultura e a arte. Denominou as psicoses ciclóides de holodisfrenias “em virtude da sua alteração global (‘uma pessoa confusa que sonha’) e que se diferencia claramente da clivagem dos esquizofrénicos que ocorre com lucidez e dupla orientação”. Necessitando “duma ordenação do saber”, desenvolveu uma teoria da personalidade baseada no pluralismo fenomenológico que punha em causa o positivismo “totalitário”, pelo que recebeu “a incompreensão dos empíricos (e tecnocratas)”. Assim, considerou uma “concepção holística, a relação do comportamento e da vivência com a totalidade da personalidade numa determinada situação, num modelo estrutural de camadas” no caminho para uma “patologia estruturada” com o qual introduziu os conceitos de Proprium (o conceito e a vivência de si mesmo, o Eu), desvario espiritual da pessoa (fronteira entre normal e patológico), a ideia do Homem como ser perturbável “que adocece, sofre e fica incapacitado: Homo patients — Homo dolens — Homo inabilis”. Distinguiu formas gerais de perturbação (ansiar, deprimir-se, desconfiar, etc.) de estruturas psicopatológicas básicas (variações, evoluções anormais, desintegrações, etc.), permitindo organizar as diversas formas de expressão psicopatológica das afecções que incidem sobre os sistemas funcionais (corporalidade, fundo endotímico-vital, vigiância, inteligência, carácter, consciência, Proprium). Tudo isto culminou numa

teoria “antropocientífica biopsico-sociocultural”: as Antropociências como “visão globalizante dos conhecimentos científicos teóricos e práticos tornando o Homem como referente geral”.

Dado que “a frase era para ele como um acorde, e registar a ideia era tentar-lhe a consonância, destacá-la, deixá-la ressoar” (Maria Alzira Seixo), dedicou-se, igualmente, à escrita, sendo sócio fundador e primeiro presidente da Sociedade de Escritores Médicos. Pertenceu também a diversas sociedades científicas e ao Comité de nomeação do Prémio Nobel.

Morreu em Lisboa a 22 de Janeiro de 1992, onde ainda mantinha intensa actividade. “Ler, pensar, aplicar o modelo de Barahona (...) é uma necessidade para defender a psiquiatria do atomismo estéril e ignorante.” (JM Jara)

BIBLIOGRAFIA

1. Revista de Psiquiatria, HJM, Vol. V n.º 1, Jan/Mar 1992;
2. Revista de Psiquiatria, HJM, Vol. XX n.º 2, Mai/Ago 2007;
3. Um Trabalhador Apaixonado pelo Saber, UL, 2007;
4. Barahona Fernandes, Câmara Municipal de Lisboa, 1996;
5. O Modelo de H. Barahona Fernandes e as Teorias da Personalidade, Anais Portugueses de Psiquiatria, Ano XXI, n.º 18, Dez 1969;
6. Barahona Fernandes, Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental, Vol. I, FCG

Antônio A. Fernandes
MÉDICO

CONSULTÓRIO	RESIDÊNCIA
R. de Ilhéus, 485	R. Garcia Teles, 2, L.º
Telef. T. 112	Telef. R. 567

